

Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira  
(Organizadores)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Atena  
Editora  
Ano 2022

Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira  
(Organizadores)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Atuação do estado e da sociedade civil na educação 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremonesi  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A886 Atuação do estado e da sociedade civil na educação 2 /  
Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André  
Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0201-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.015220906>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da  
(Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador).  
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e ataque as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**Atuação do estado e da sociedade civil na educação**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

SOCIEDADE, VIOLÊNCIAS E EDUCAÇÃO POLICIAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Eduardo Nunes Jacondino


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209061>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: TEORIA E PRÁTICA

Maria da Conceição Dal Bó Vieira

Sandra Cristine Arca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209062>

### **CAPÍTULO 3..... 21**

DESAFIOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Roberta Souza da Silva Ferreira

Larissa Oliveira Guimarães


Maria Andresiele Andrade Carvalho

Claudiana Ribeiro dos Santos Andrade

Crismilla dos Santos Silva

Maria Rita Ribeiro dos Santos

Tamires Souto Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209063>

### **CAPÍTULO 4..... 30**

PROJETO #SEXTOUPEDAGÓGICO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BENEVIDES, PARÁ, BRASIL

Kelly Lene Lopes Calderaro Euclides

Francilene Sodrê da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209064>

### **CAPÍTULO 5..... 36**


FORMAÇÃO EM SERVIÇO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: INCLUSÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rosivane Sousa Pereira

Rosiane Sousa Pereira

Cleonice Pedreiro Mesquita

Roseane Silva de Carvalho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209065>

### **CAPÍTULO 6..... 43**

PROPOSTAS PARA MELHORIA DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR MEIO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA: UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE

SÃO LUÍS – MA

Rosa Coelho Costa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209066>

**CAPÍTULO 7.....58**

MINHA AULA MIGROU PARA O WHATSAPP, E AGORA? O USO DE APLICATIVOS MULTITAREFAS COMO RECURSOS EDUCACIONAIS

Jeanne de Jesus Rodrigues

Viviane Aparecida Rodrigues


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209067>

**CAPÍTULO 8.....68**

O QUE TEM NA FRONTEIRA INTERNACIONAL DE PONTA PORÃ/MS? DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA AS ESCOLAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Silvano Artur Busch Vergutz

Marsiel Pacífico


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209068>

**CAPÍTULO 9.....87**

A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS APENADOS DO SÍLVIO PORTO

Maria Bernadete Rodrigues do Nascimento

Maria de Fátima Leite Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209069>

**CAPÍTULO 10.....110**

AVALIAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BUSCAR OUTROS CAMINHOS, OUTRAS PERSPECTIVAS

Daiana Camargo

Sirlene Delgado

Andreliza Cristina de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090610>

**CAPÍTULO 11.....123**


O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (ERE) E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA SURDOS: DESAFIOS DURANTE O CONTEXTO PANDÊMICO

Disraely da Silva Machado Fernandes

Louriane Lindoso Moraes

Natalia Moreira de Carvalho Campos

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090611>


**CAPÍTULO 12.....135**

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN EL MODELO COMPRENSIVO RESTAURADOR

Normiña Murillo Murillo

Yulieth Paola Narváez Buelvas

Jeniffer Ximena Vega Fajardo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090612>

**CAPÍTULO 13..... 148**

O CONTEXTO EDUCACIONAL DE SALINAS-MG NA DÉCADA DE 1950: “MEU PAI CHEGOU A COMBINAR TUDO PARA ME MANDAR ESTUDAR FORA[...]”

Lílian Gleisia Alves dos Santos

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090613>

**CAPÍTULO 14..... 165**

TODA FAMÍLIA É IGUAL? REPRESENTAÇÕES FAMILIARES NA LITERATURA INFANTIL HÍBRIDA

Berenice Rocha Zabbot Garcia

Nicole de Medeiros Barcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090614>


**CAPÍTULO 15..... 181**

PROTAGONIZANDO E SUBMERGINDO NO ODS 6: UMA PROPOSTA DE AULA PARA O ENSINO DE QUÍMICA

Andreia Oliveira Barreiros

Rachel Helena Gachet Silva

Suellen Gueiros Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090615>

**CAPÍTULO 16..... 190**

AÇÕES AFIRMATIVAS NO IFES CAMPUS IBATIBA: A POLÍTICA DE COTAS E OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA E ÊXITO NOS CURSOS TÉCNICOS


Gilberto Mazoco Jubini

Charlles Monteiro

Shayane Ferreira dos Santos

Veruschka Rocha Medeiros Andreolla

Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090616>

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 205**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 206**

## O CONTEXTO EDUCACIONAL DE SALINAS-MG NA DÉCADA DE 1950: “MEU PAI CHEGOU A COMBINAR TUDO PARA ME MANDAR ESTUDAR FORA[...]”

*Data de aceite: 01/06/2022*

*Data de submissão: 02/05/2022*

### **Lílian Gleisia Alves dos Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/3691039570938526>

### **Felipe Eduardo Ferreira Marta**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/6116223353042882>

**RESUMO:** O espaço é o quadro de referência da memória e se movimenta a partir dela. Ele está estritamente relacionado com a experiência de cada um, já que as memórias são localizadas e situadas nos grupos de convivências e nas convivências em grupos. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender e analisar o contexto social e educacional a partir da criação e do desenvolvimento de atividades escolares do Instituto Nossa Senhora Aparecida, uma escola confessional, na cidade de Salinas-MG, na década de 1950. Para realização desta investigação, utilizamos duas entrevistas realizadas com duas ex-alunas da escola pesquisada a partir do método da História Oral. Pretendeu-se ainda abarcar como a história e memória se cruzam na reconstituição de ações coletivas, vivências e práticas de relações sociais construídas. Essa pesquisa se deu pela interpretação e pelo significado de fontes orais sem desprezar fragmentos da memória encontrados em outras

fontes de distintas naturezas, o que pôde viabilizar o entrecruzamento das fontes para melhor apreensão das relações sociais estabelecidas na escola no período supracitado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Confessional. Contexto Social e Educacional. Memória. História Oral. Atividades Escolares.

### THE CONTEXT EDUCATIONAL FROM SALINAS/MG IN THE 1950'S: “MY FATHER ARRIVED COMBINE EVERYTHING TO SEND ME TO STUDY OUTSIDE”

**ABSTRACT:** Space is the frame of reference of memory and moves from it. It is strictly related to the experience of each one, since the memories are located and situated in the coexistence groups and in the coexistence in groups. Thus, this work aims to understand and analyse the social and educational context from the creation and development of school activities at the Instituto Nossa Senhora Aparecida, a confessional school, in the city of Salinas-MG, in the 1950s. To carry out this investigation, we used two interviews carried out with two former students of the researched school using the Oral History method. It was also intended to cover how history and memory intersect in the reconstitution of collective actions, experiences and practices of social relations built. This research was carried out through the interpretation and meaning of oral sources without neglecting fragments of memory found in other sources of different natures, which made it possible to intertwine the sources for a better understanding of the social relations established in the school in the aforementioned period.

**KEYWORDS:** Confessional Education. Social Context and Educational. Memory. Oral History. School Activities.

## 1 | INTRODUÇÃO

A partir do campo da história e da memória, é possível questionarmos e pensarmos a educação de instituições escolares de forma localizada. Para isso, é importante nos valermos de um conjunto variado de fontes que possibilitaram reflexões de modo a compreender as múltiplas versões desse passado, colocando em contraste as diferentes memórias. Este procedimento exige do pesquisador a capacidade de pensar o ensino situado nas continuidades e mudanças com o passar do tempo.

Não há como construir e/ou reconstruir essas histórias e memórias sem mobilizar rigorosamente instrumentos teóricos e metodológicos da investigação histórica. Do mesmo modo, não é possível pensar essas ações sem um olhar crítico e específico sobre a realidade em que a escola está inserida, assim como sobre os atores que fizeram parte desse cenário. É nesse contexto que este trabalho foi estruturado na metodologia de pesquisa da História Oral<sup>1</sup>, considerando entrevistas realizadas com duas egressas do Instituto Nossa Senhora Aparecida (INSA), objeto desta pesquisa. Os sujeitos da pesquisa foram: Maria de Lourdes Costa<sup>2</sup> e Áida Viana<sup>3</sup>. O Instituto Nossa Senhora Aparecida (INSA) foi criado no ano de 1951 na cidade de Salinas-MG, sob a administração das irmãs Clarissas da ordem Franciscana, tendo como primeira diretora a irmã Narcisa Chamone. Vale ressaltar que a interpretação e análise das entrevistas em questão oferecem um conjunto de indícios a respeito do processo de implantação do INSA em 1951 até o ano 1958. Assim, “é bom ter claro que a opção pela história oral responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas” (ALBERTI, 2008, p. 165).

Dessa maneira, as pistas e os indícios nos permitem refletir sobre o processo, mas também por um viés específico, de alunas que tinham condições financeiras para pagar a escola, o que reforça um lugar de destaque da instituição para a cidade.

Os procedimentos metodológicos da História Oral de vida, de acordo com Ecléa Bosi (2003) e Verena Alberti (2008), ligam-se às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas; além disso, requer do pesquisador atenção na escolha dos sujeitos em conformidade com os objetivos da investigação, assim como atitudes éticas do pesquisador no que diz respeito à coleta dos testemunhos e/ou histórias de vida, no decorrer da gravação dos depoimentos e o respeito em manter a íntegra das falas no momento da transcrição. Essas referências teóricas contribuíram para que pudéssemos compreender a conjuntura da criação do INSA, seu desenvolvimento e as nuances de um

1 Sob o número 44678621.3.0000.0055 do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

2 Maria de Lourdes Costa, mulher, 79 anos, entrevistada em 22 de agosto de 2019.

3 Áida Viana, mulher, 82 anos (nos documentos), no entanto afirma que foi registrada com o ano errado e que sua idade real é 80 anos, entrevistada em 13 de dezembro de 2019.

projeto educacional posto em prática durante o período de 1951 a 1958 em Salinas-MG.

Os sujeitos participantes deste trabalho foram duas ex-alunas da primeira turma ginásial e conseqüentemente do curso Normal/Magistério do INSA – escola para moças. Elas vivenciaram o momento da criação do Instituto e seu desenvolvimento educacional num momento em que em Salinas-MG não havia oferta do ensino ginásial (anos finais do Ensino Fundamental) e de curso profissionalizante, especificamente, na preparação de professoras para o ensino primário (anos iniciais do Ensino Fundamental). A entrevista com Maria de Lourdes Costa se deu em 22 de agosto de 2019, e com Áida Viana foi realizada em 13 de dezembro de 2019. Cabe neste momento salientar que as entrevistas foram transcritas na íntegra, foram respeitadas as formas coloquiais de falar e os regionalismos, no entanto, para evitar repetições muito constantes, estas em alguns momentos foram suprimidas, como exemplo, situações em que a pessoa repete: “né, éeeee”, etc.

No contraste com as fontes orais que compõem o texto, utilizamos também fontes documentais disponibilizadas por Áida Viana, tais como: folheto com o histórico do Instituto Nossa Senhora Aparecida; fotos em que é possível perceber a vestimenta das alunas e arquitetura do prédio; convite de formatura; e seu caderno de música da disciplina Música/INSA. Essas fontes possibilitaram o entrecruzamento de dados para melhor apreensão das memórias das egressas do Colégio. Por se tratarem de documentos do passado, foi de suma importância para o direcionamento da pesquisa a interpretação dos testemunhos das pessoas que vivenciaram o período estudado, ao perceber seus pontos de vista, seus sentimentos e suas lutas cotidianas (ALBERTI, 2008).

As análises, interpretações e inferências das fontes se deram a partir de uma perspectiva crítica. Assim, procuramos constituir uma comunicação interdisciplinar entre o espaço sócio-político-educacional de modo a abarcar o cotidiano. Dessa maneira, foram evidenciadas memórias subjetivas, silenciadas e ideologicamente alinhadas a uma determinada geração.

Desta maneira, o texto traz duas seções: na primeira seção discutimos os aspectos da estrutura organizacional da escola; no segundo momento falamos sobre o cotidiano escolar, questões do conteúdo trabalhado e da relação com a religiosidade.

## **2 | ASPECTOS DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA**

Para contextualizarmos esta pesquisa e seus objetivos, precisamos deixar claro que a necessidade da ritualização de uma memória se ancora numa compreensão de vislumbrar representações e significados sobre espaços de memória e história de grupos sociais. Isto é, depreende-se a um lugar de memória, partindo do princípio de que não existe uma memória espontânea. Assim, é preciso criar arquivos a partir de uma coletividade, que permite ao indivíduo construir sua identidade e individualidade. Assim, os lugares de memória se tratam de um determinado contexto em que o passado pode ser evocado

(NORA, 1993). Nessas circunstâncias, trataremos neste momento de localizar e situar o quadro desta investigação, partindo da concepção de que o indivíduo é o tempo todo produto social e está/vive dentro do espaço e do tempo – e por isso, carrega consigo uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006).

Salinas é um município localizado no norte do estado de Minas Gerais, o qual foi emancipado politicamente e administrativamente em 04 de outubro de 1887, no período do II Império, no século XIX. Nas palavras do memorialista Abdênago Lisboa, tratava-se de política coronelista,

[...] que tem elegido deputados estaduais e federais, sob influência de notáveis chefes políticos como o Cel. Rodrigo Cordeiro, patrono do deputado João Porfírio Machado; Virgílio Avelino (Peito) Grão Mogol; Dr. Luiz Gomes de Oliveira; Prof. Juventino Nunes; Cel. Idalino Ribeiro, patrono do deputado federal Dr. Clemente Medrado [...] (LISBOA, 1992, p. 230).

O Cel. Rodrigo Cordeiro (era chefe político local), que, juntamente com João Porfírio Machado (baiano, advogado, que fixou residência em Salinas, onde constituiu família e ocupou postos relevantes no setor político-administrativo como “presidente da câmara, agentes do município, deputado estadual por dois mandatos, juiz municipal e juiz de direito substituto”), influenciou a inserção na política o Sr. Juventino Ferreira Nunes, na década de 1920. Juventino, segundo o memorialista Lisboa (1992), era considerado pelos salinenses um homem com alto grau de iniciativa – líder nato – homem culto, pois, era músico, normalista e dono de farmácia. Virgílio Avelino era personalidade influente e também foi agente executivo de Salinas (cargo equiparado a prefeito) na década de 1910. Luiz Gomes de Oliveira era advogado e com forte influência política. O Cel. Idalino Ribeiro foi um chefe político com muito poder e influência:

[...] nasceu em Salinas, era descendente da família que fundara a cidade com raízes em Rio Pardo de Minas–MG. Por cerca de quatro décadas, ele permaneceu no comando da política local, primeiro como presidente da Câmara Municipal, de 1918 a 1929, e depois desse período, todos os prefeitos nomeados ou eleitos até o ano de 1958 foram escolhidos por ele (BRITO, 2017, p. 14).

Os estudos de Brito (2017) afirmam ainda que Dr. Clemente Medrado (genro do Cel. Idalino Ribeiro) foi o primeiro prefeito de Salinas em 1930. Tal fato se deu por influência e prestígio de seu sogro, pois, o temido Cel. Idalino Ribeiro – durante o período em que esteve no poder – foi quem, direta ou indiretamente, influenciou e/ou impôs os nomes para a cadeira de prefeito (nomeados ou eleitos). A partir de então, Dr. Clemente deu sequência política após seu mandato de prefeito, quando eleito como deputado federal de 1933 a 1945.

Percebemos que Salinas é mais um município brasileiro que, por muito tempo, esteve sob a política elitista de coronéis – comerciantes, grandes proprietários rurais e chefes políticos locais – pessoas que exerciam influência sobre a população salinense e

que nunca aceitavam que suas autoridades fossem contestadas. O crescimento da cidade foi controlado e ditado por essas pessoas. De acordo com Halbwachs (2006), a história de um povo está diretamente ligada com suas histórias e memórias, à sua cultura, vivências e ligações estabelecidas a partir de grupos sociais formados na convivência num determinado período. Esses elementos que Halbwachs aponta, quando olhamos para o conteúdo das entrevistas, percebemos algumas similaridades da memória:

Salinas era uma cidade assim, pacata. Não tinha confusão, muita gente boa, a maioria das famílias eram fazendeiros, famílias boas mesmo, famílias assim... de, de... sabe, de tradição, muita família tradicional. Pessoal muito trabalhador, muito direito. Tinha muita gente assim... Naquela época as pessoas tinham muito gado, tinha muitos fazendeiros, tinha renda pra ajudar na construção dos colégios, sabe, era uma maravilha! O poder aquisitivo da maioria das famílias era muito bom, bom demais (COSTA, 2019).

A narrativa da estudante nos faz problematizar o que seriam “famílias boas”, “famílias tradicionais”? Percebemos na entonação de sua fala que tal conceito entrou na linguagem corrente por via do estilo social, principalmente pela predominância burocrática, política e econômica. Trata-se de ostentação de vaidades, de bens, fortunas numa evolução política, cultural e social (FAORO, 2001). Em Salinas notamos que a “gente boa”, a “família tradicional”, era composta pela elite local, por aqueles que dispunham de boas condições financeiras, ostentavam uma vida cheia de regalias e confortos, dentre eles, a manutenção de seus filhos em escolas particulares.

Fica evidente que numa cidade com apenas 141 anos ressalta-se um heroísmo baseado em critérios morais, intelectuais e econômicos. E os empregados das fazendas, os boiadeiros, os trabalhadores braçais não tinham espaço e tradições? Não se fala sobre os seus trabalhos e a importância deles para o desenvolvimento social. Agregam-se valores a uma hierarquização social, isto é, quem tem terra e poder econômico tem tradição. Que tradição é essa? Trata-se de uma lógica colonial, na depreciação dos sujeitos baseados em juízos morais e intelectuais que incide na manutenção de padrões dominantes.

A colonização além de se apropriar e de explorar os meios materiais e econômicos, atuou também invisibilizando e apagando todos os aspectos que pudessem deixar florescer as origens e costumes dos povos colonizados, a sua cultura, assim como sua fala/linguagem, suas roupas, seus rituais (MAIA; MELO, 2020, p. 232).

A fala de Costa (2019) nos remete a estudos sociológicos que apontam percepções de pessoas em que elementos sociais como a violência podem ter relação direta com as desigualdades existentes entre as classes sociais. São questões vistas dentro de um contexto valorativo de estratificação social.

Como diz Pollak (1989, p. 3), a memória é “[...] estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras



sócio-culturais”. Na fala de Costa (2019), percebemos que, a partir de suas memórias, ela nutre um sentimento de pertença a um grupo, um quadro social que alimenta as raízes de “tradição familiar social” ao qual ela ceva afeto, que está diretamente ligado àqueles de classe social alta e que tiveram acesso à educação. Há de se considerar também a presença de uma memória coletiva, aquela que perpassa a vida de todos, mas que também tem uma dimensão individual dessa memória coletiva (HALBWACHS, 2006).

Retomando o contexto escolar em Salinas-MG, o primeiro grupo escolar foi construído entre os anos de 1908 e 1910 com sua instalação, em 24 de fevereiro de 1910, denominado por Grupo Escolar Dr. João Porfírio. Para a construção da escola, houve contribuições financeiras por parte dos cidadãos que dispunham de posses e bom poder aquisitivo, isto é, da elite salinense<sup>4</sup>.

A oferta por esse grupo escolar era o ensino primário (atual anos iniciais do Ensino Fundamental). Assim, as famílias salinenses que desejavam que seus filhos prosseguissem os estudos precisavam se mudar ou mandá-los para cidades vizinhas. Isso não era possível para as famílias que não dispunham de boas condições financeiras. Aqueles que detinham poder aquisitivo para isso nem sempre queriam estabelecer uma distância dos filhos tão jovens. Temiam que o mundo “lá fora” pudesse oferecê-los experiências que fossem de encontro a seus valores e educação familiar. Esta situação se prolongou até o ano de 1951, quando no dia 01 de março foi instalado oficialmente o Instituto Nossa Senhora Aparecida (INSA), pela irmã Clarissa Franciscana Narcisa Chamone. Inicialmente houve a oferta do curso primário e de curso preparatório ao exame de admissão ao ginásio<sup>5</sup> para o sexo feminino (SALINAS, 1976).

Neste momento, é importante pontuar que o ensino ginásial no INSA só foi expandido ao sexo masculino no ano de 1956, quando, neste mesmo ano, houve a oferta ginásial pela recém fundada Escola de Iniciação Agrícola de Salinas. Até então, só saiam de Salinas para prosseguir nos estudos aqueles que tinham condições financeiras para custear os gastos. Aos demais, cabiam-lhes os serviços nas fazendas, na agricultura, pecuária e no comércio local.

Conforme memórias de Maria de Lourdes e Áida Viana, a idealização da implantação e construção do INSA se deu em 1950 a partir de uma conversa entre o salinense Senhor Mendo Corrêa (sogro de Maria de Lourdes Costa), Dr. Olinto Prediliano Santana, o prefeito Miguel de Almeida e outros cidadãos com influência política e econômica (Dr. Clemente Medrado Fernandes, Noé Corrêa, Moisés Ladeia, Cel. Idalino Ribeiro e Cel. Bernardino Costa) com apoio do Frei Joaquim Van Kesteren, pároco da Igreja Matriz de Santo Antônio.

A partir de então, as propostas foram ganhando forma, e com empenho e interesse da elite salinense foi adquirido o terreno para construção do prédio do INSA. Enquanto a sede

---

4 Por elite salinense, compreendemos aqui um grupo constituído de pessoas mais influentes da cidade na década de 1950 que, por ter poder econômico, era considerado a elite política local. Representa na identificação da condição social que um indivíduo ocupa, pois, através de tal condição tem o poder de decidir (Mills, 1975).

5 Curso primário – atualmente anos iniciais; Curso ginásial – atualmente anos finais do Ensino Fundamental.

do Instituto foi sendo planejada, o Frei Joaquim recorreu ao deputado federal Dr. Clemente Medrado, objetivando obter recursos para construção do prédio escolar. Ao mesmo tempo, a Irmã Noemi do Gêtsemani (superiora geral da ordem franciscana) pediu-lhe irmãs para dirigirem a escola. Esta, por sua vez, prometeu que conseguiria algumas irmãs para o início de 1951. Em 18 de janeiro de 1951, chegaram em Salinas três irmãs clarissas franciscanas: Narcisa Chamone (superiora/diretora), Maria Elias Chamone (secretária) e Maria Piedade Guimarães (ecônoma). Além de assumir essas funções, assumiram também a docência no INSA, que funcionou até fevereiro de 1958 num terreno com 03 (três) casas modestas doadas pelo Dr. Olinto Prediliano, em nome do povo salinense.

Em 1º de março de 1958, o Instituto foi transferido para a sede própria, onde também passou a ser a nova residência das irmãs<sup>6</sup> (SALINAS, 1976). O INSA era mais conhecido pelos cidadãos salinenses por “Colégio das Irmãs”. Segundo o memorialista Abdênago Lisboa, este educandário foi reconhecido como “o responsável pelo salto progressista que a cidade está dando para o progresso político, econômico e social” (LISBOA, 1992, p. 230). Contudo, discordamos de Lisboa (1992), haja vista que o progresso aqui se dá na formação de professoras de primeiras letras, pois a instituição zelava por uma pedagogia com forte influência de tradição católica. Isto é, o progresso da cidade foi se dando a partir da formação de professoras, o que tornou viável de forma paulatina a ampliação da escolarização.

O contexto é permeado por questões sociais, históricas e políticas. Pesquisas mostram que:

O analfabetismo no Brasil é tema de discussão desde a Colônia e o império. Só no início do séc. XX, especialmente após 1940, quando é visto como um problema nacional. Pelo censo de 1940, foram mostrados os altos índices de analfabetismo: cerca de 55% para todo país, considerando a população de 18 anos e mais (FÁVERO, 2004, p. 48).

Em Salinas-MG essas questões não foram diferentes, pelo contrário, a necessidade educacional era alarmante, por ser situada numa localização desfavorecida no norte de Minas Gerais.

A primeira turma do ginásio do INSA, conforme recordam Maria de Lourdes Costa e Áida Viana, contou com a matrícula de 17 (dezessete) meninas. Elas relataram ainda que, assim que se aproximava a conclusão do ginásio pelas primeiras ingressantes, as freiras, juntamente com as forças políticas da época, buscaram meios para que o INSA pudesse ofertar o curso Normal – Magistério. Essa oferta proporcionou que as estudantes pudessem dar prosseguimento aos estudos sem deixar a cidade e o convívio familiar. Assim, relembra Maria de Lourdes Costa:

É tanto que quando eu terminei o ginásio, meu pai chegou a combinar tudo para me mandar estudar fora, era a filha mais velha, né! Ele queria que eu

<sup>6</sup> Essas informações foram retiradas do “Histórico do Instituto Nossa Senhora Aparecida” redigido na própria instituição e publicado por meio de folhetim em setembro de 1976 (Acervo de Áida Viana).

fosse estudar, como ele mandou o meu irmão mais velho. [...] a irmã [Narcisa Chamone] chamou ele e falou com ele: “De jeito nenhum, Sr. Juvena! Lourdes não vai pra fora não. O Senhor deixa ela aqui [ênfase], ela vai fazer o curso normal. Não! O Senhor não vai deixar sua filha ir pra fora não, é uma filha jovem. Hoje o mundo lá fora...” Eeee, encheu a cabeça de papai. Mamãe já estava com o enxovalzinho quase pronto e ela não deixou. Mas aí também... graças a Deus, né!

Com a ampliação do acesso à educação na década de 1950, houve oportunidades para a mulher ganhar novos espaços na sociedade. Muitas almejavam e sonhavam em conquistar novos horizontes, sair de um contexto patriarcal onde a mulher já tem seu lugar marcado para esposa e dona de casa. Isso é perceptível na narrativa de Maria de Lourdes, contudo, as raízes e crenças tradicionais não deram vazão a seus sonhos, à sua vontade de “voar”. Tal fato a fez se conformar e aceitar os padrões tradicionais de educação para a mulher. A princípio, ela teve impulso juvenil em conhecer coisas novas, mas o direcionamento da igreja católica não permitiu “a ovelha desgarrar”. Ela se conformou que o lugar da mulher era esse mesmo: dedicar-se à fé, com pensamento católico, devota e rainha do lar. Ou seja, dentro do pensamento conservador católico.

De acordo com Pontes (2004), esse contexto trouxe agitações, pois terminou por ceifar os costumes tradicionais de família, já que, às mulheres, seriam apresentados novos conhecimentos, costumes e hábitos. Naquele período tratava-se de uma tarefa extremamente difícil fugir de alguns princípios que foram historicamente estabelecidos. E quando entra em jogo a tradição imposta pela igreja católica, seria o mesmo que tentar medir forças, ir de encontro ao que está historicamente estruturado e “abençoado por Deus”.

Todavia, a partir do relato de Maria de Lourdes, percebemos também que o Instituto Nossa Senhora Aparecida foi um marco histórico para o desenvolvimento social, educacional, cultural e econômico. Além de proporcionar a educação formal das meninas salinenses, isso lhes propiciou também uma formação profissional, de normalista. Essas jovens então tiveram oportunidade de assumir uma profissão e atender às necessidades da cidade, uma vez que, na década de 1950, a maioria dos professores de primeiras letras em Salinas eram leigos. Supriu-se uma carência para o crescimento educacional e social daquele período, mesmo que numa perspectiva educacional conservadora coubesse à mulher a domesticação das crianças, do ensino das primeiras letras, pelo ato de educar, cuidar e disciplinar.

Das 17 (dezessete) alunas concluintes do ginásio no INSA, 14 (catorze)<sup>7</sup> delas deram continuidade aos estudos nesse educandário e ingressaram no curso Normal/Magistério, tornando-se professoras habilitadas para o ensino primário em dezembro de 1958, como se pode verificar nas imagens abaixo:

---

<sup>7</sup> Foi relatado pelas entrevistadas que, a partir de suas memórias, têm certeza que 12 (doze) normalistas formadas na primeira turma do INSA seguiram a profissão docente.

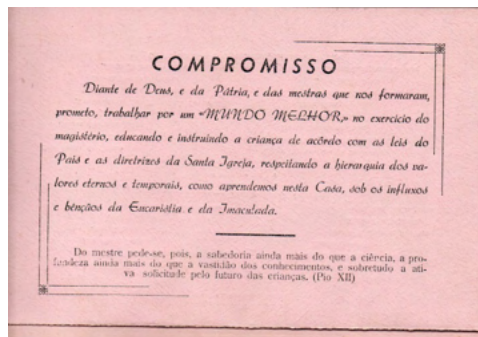
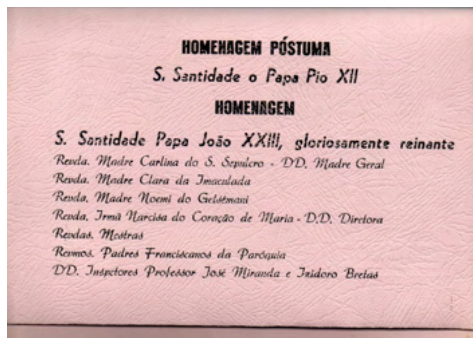
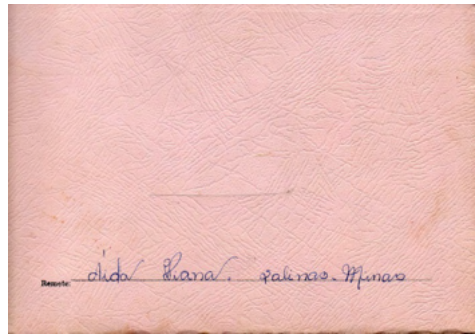


Imagem 1: Convite das primeiras diplomadas do curso de formação de professoras (1958).

Fonte: Arquivo de Aída Viana (egressa da primeira turma do INSA).

Esse momento é marcado como fato histórico para a sociedade de Salinas-MG, no entanto, não se pode deixar de constatar que o número de estudantes é muito pequeno para uma população de aproximadamente 35.000 habitantes naquele período. Nem todas as meninas salinenses e da região puderam vivenciar o cotidiano escolar daquele educandário. No que concerne ao processo de socialização, o cotidiano escolar é um fator preponderante, mesmo nas condições impostas pela igreja católica.

### 3 | DIA A DIA, COTIDIANO DA ESCOLA

As fontes deste estudo prenunciam que o INSA foi uma escola elitista, com forte influência católica. Os estudantes eram herdeiros de famílias abastadas, filhos de fazendeiros, comerciantes e políticos, aqueles que detinham poder e posses. Isso é evidenciado na fala de Maria de Lourdes (2019):

Era assim, quem pudesse pagar pagava. Para alguns era gratuito. Era pago, a gente pagava. É claro que não deixava de ter aqueles alunos com poder aquisitivo baixo. Mas, as irmãs na época, ensinavam “x” de alunos gratuitamente. Aqueles que não podiam pagar, elas não cobravam a escola. A cobrança era para manter os professores. Lá em casa, papai tinha sete filhos que estudavam no colégio. Ah, naquela época as pessoas tinham condições boas né. Todo mundo tinha e pagava. E os que não podiam pagar, elas não cobravam. Elas eram caridosas.

Diante da narrativa acima, duas questões são evidentes: o reconhecimento de que a educação no INSA era privada, ou seja, foi idealizado para atender à elite salinense; e, principalmente, o entendimento da dimensão missionária, de vida confessional. Não estava em jogo a questão do lucro, era quase uma filantropia, a função primordial era a multiplicação dos fiéis. Portanto, por se tratar de um educandário sob a gestão da igreja católica, era preciso manter um fio condutor com o intuito de sustentar a crença e a fé dos fiéis: exercer a caridade por meio da educação gratuita. É preciso levar em conta que a igreja valeu de estratégia por meio da educação como aparelho ideológico para buscar manter seu poder na sociedade (SAVIANI, 2013). A divisão de classe social nesse contexto é explícita, apesar de demonstrar que a escola é ambiente para todos quando dentro do mesmo espaço do INSA, é permitido que um pequeno número de adolescentes fosse matriculado a partir de uma “ação caridosa”.

O artifício utilizado pela caridade no INSA se deu com a fundação do Orfanato Nossa Senhora Aparecida em 12 de agosto de 1951, o qual recebeu 03 (três meninas). O próprio Instituto buscava enaltecer as ações do orfanato por meio de folhetos informativos e comemorativos: “Uma delas [órfã] conseguiu fazer o curso completo e é hoje professora nomeada. Este orfanato tem o prazer de ver diversas ex-alunas portadoras de um diploma de normalista, o que tem contribuído para minorar as dificuldades financeiras de muitas famílias pobres da cidade” (INSA, 1976, p. 02). Essas palavras expressas no histórico do

Instituto trazem indícios de que em Salinas existiam muitas famílias carentes e que nem todas puderam ser atendidas pela instituição – como também é revelado na narrativa de Maria de Lourdes Costa:

Tinha internato. A Lourdes mesmo [Maria de Lourdes Oliveira], minha colega que morreu, ela ficava no internato. Tinham muitas moças que moravam fora e ficavam no internato para estudar. Era muito bom! Bom demais! Oh tempo bom, viu filha! Tenho saudade desse tempo. [...] Eu tinha muitos livros, não lembro os nomes. A gente comprava esses livros, as irmãs pediam e a gente comprava. A convivência era muito boa, até hoje. Não havia diferença entre os que pagavam e os que não pagavam.

O orfanato era a formalização para atender às meninas carentes, elas residiam na escola para receber os estudos e, em contrapartida, realizavam os serviços gerais e cotidianos para manutenção e funcionamento da escola, tais como limpeza, culinária, também lavavam e passavam roupas. Já as meninas que faziam parte do internato eram aquelas filhas da elite dos municípios circunvizinhos. Moravam no prédio onde funcionava a escola, porém, pagavam pela hospedagem e alimentação. Estas dedicavam todo o tempo disponível a atividades escolares, culturais, e extracurriculares (biblioteca, trabalhos manuais, bordados, etc.).

Tanto nas falas como no documento histórico<sup>8</sup> do INSA sinaliza-se a elitização da escola, quando demonstra que o número de alunos pagantes era maior do que os atendidos por meio da “caridade”. Das catorze estudantes concluintes do curso normal/magistério em 1958, somente uma pertencia à classe carente e pagava seus estudos com sua mão de obra, realizando trabalhos domésticos e de manutenção da escola.

Nós pagávamos a escola, comprávamos os livros que vinham de fora. Acho que vinham de Belo Horizonte. As irmãs pediam e os pais pagavam. Tinha as meninas do orfanato que não pagavam porque não tinham condições, mas também recebiam os livros que eram doados pelas irmãs. Como a escola pregava valores e fraternidade, não havia entre os alunos discriminação com aqueles que eram do orfanato. Todo mundo era tratado por igual, isso era lema no colégio (VIANA, 2019).

Até mesmo pelo material didático adotado naquela época, os livros eram comprados e vindos da capital mineira. Esses custos não eram possíveis para as famílias com pouco poder aquisitivo. Ademais, havia taxas de matrícula e mensalidades/anuidades a serem pagas. Naquele tempo, as famílias não faziam controle de natalidade, o que as tornavam numerosas. Assim, matricular e manter seus filhos na instituição não era para todos.

Conforme estudos de Portelli (1996) no que diz respeito à subjetividade dos sujeitos, notamos durante as entrevistas a representatividade em suas memórias para além de característica da classe social à qual pertenciam. É expressiva a formação católica recebida, a fé cristã, a devoção em Nossa Senhora Aparecida, tendo em vista que a constituição

---

<sup>8</sup> Esses documentos são jornais escolares, informativos, folders, bilhetes, etc., que o próprio INSA produziu naquele período e hoje se encontram nos arquivos da Escola Estadual Cel. Idalino Ribeiro.

da formação educacional se deu a partir do catolicismo. Isso se manifesta não só nas narrativas, mas nos gestos e rituais do dia a dia.

Tal constatação se aproxima do que Nora (1993) defende quando diz que é preciso retomar o passado, os lugares, os espaços sociais e convivências para compreender o presente. Nora (1993, p. 19) afirma ainda que “[...] para que haja um sentimento do passado, é necessário que ocorra uma brecha entre o presente e o passado, que apareça um ‘antes’ e um ‘depois’”. Dentro desta óptica, podemos captar nas fotos abaixo que o passado de Áida Viana é presente por meio de suas ações, rotinas, rituais e suas subjetividades:



Imagem 2: As crenças de uma memória de vida expressas na ritualização e nas imagens.

Fonte: Foto tirada pelos pesquisadores com permissão de Áida Viana em 19 de dezembro de 2019.

A subjetividade diz respeito ao indivíduo, quando estabelece sua própria subjetividade, sua própria capacidade de ver, interpretar, influir na história (PORTELLI, 1996). Aqui são expressas memórias de acontecimentos que nos permitem compreender o contexto atual a partir do que ocorreu no passado. As subjetividades das pessoas são construídas a partir do momento em que o passado influi no presente. Suas interpretações sobre o vivenciado são uma característica nata do ser humano, que por meio dela expressa significado da experiência através dos fatos.

Além do mais, como já dizia Portelli (1996, p. 59), as pessoas “constroem sua própria subjetividade por meio da relação interpretativa de suas vivências e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso”. Percebemos que isso aparece na fala de Maria de Lourdes, quando ela toca na disciplina do dia a dia da escola:

Nossa Senhora! Ninguém desrespeitava. As irmãs eram assim... você precisava ver como eram firmes. Não só se preocupavam com a cultura e a disciplina, mas, com a religiosidade também, a educação religiosa (COSTA, 2019).

O testemunho sinaliza a subjetividade individual de Maria de Lourdes – é aquela que vai mais além do indivíduo; apesar de suas interpretações serem altamente subjetivas, estão diretamente ligadas ao contexto em que viveu, e traz manifestações de estruturas de um discurso socialmente definido e aceito (valores, religião, costumes, cultura) (PORTELLI, 1996). Observam-se também indícios a partir das letras das músicas, ensinadas e ensaiadas no cotidiano escolar:

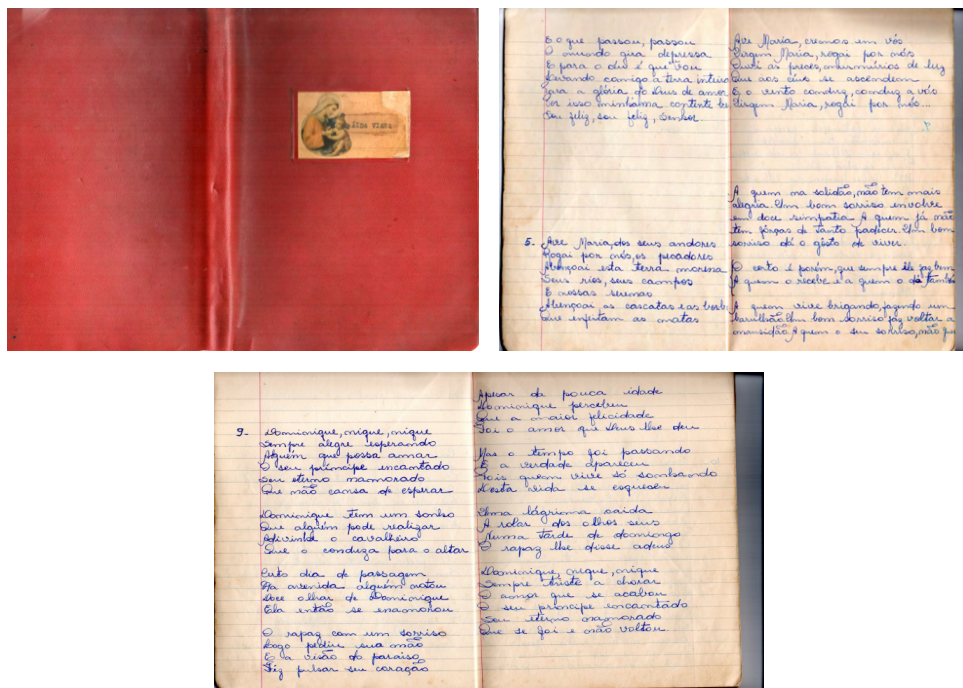


Imagem 3: Caderno da disciplina de Música/INSA de Áida Viana, 1953.

Fonte: Acervo de Áida Viana.

### Música - Áida Viana

*E o que passou, passou  
 O mundo gira depressa  
 E para o céu é que eu vou  
 Levando comigo a terra inteira  
 Para a glória do Deus de amor  
 Por isso minh'alma contente (bis)  
 Sou feliz, sou feliz, Senhor.*

*5- Ave Maria dos seus amores  
 Rogai por nós, os pecadores  
 Abençoi esta terra morena  
 Seus rios, seus campos  
 E nossas serenas*



*Abençoei as cascatas e as borboletas  
Que enfeitam as matas*

*Ave Maria, cremos em vós  
Virgem Maria, rogai por nós  
Ouví as preces, murmúrios de luz  
Que aos céus se ascendem  
E o vento conduz, conduz a vós  
Virgem Maria, rogai por nós...*

*A quem na solidão, não tem mais alegria. Um bom sorriso envolve em doce simpatia. A quem já não tem forças de tanto padecer. Um bom sorriso dá o gosto de viver.*

*{ O certo é, porém, que sempre êle faz bem  
A quem o recebe e a quem o dá também*

*A quem vive brigando, fazendo um barulhão. Um bom sorriso faz voltar a mansidão. A quem o seu sorriso, não quer...*

*9- Dominique, nique, nique  
Sempre alegre esperando  
Alguém que possa amar  
O seu príncipe encantado  
Seu eterno namorado  
Que não cansa de esperar*

*Dominique tem um sonho  
Que alguém pode realizar  
Adivinha o cavalheiro  
Que o conduza para o altar*

*Certo dia de passagem  
Na avenida alguém notou  
Doce olhar de Dominique  
Ela então se enamorou*

*O rapaz com um sorriso  
Logo pediu sua mão  
E a visão do paraíso  
Fez pulsar seu coração*

*Apesar de pouca idade  
Dominique percebeu  
Que a maior felicidade  
Foi o amor que Deus lhe deu*

*Mas o tempo foi passando  
E a verdade apareceu  
Pois quem vive só sonhando  
Desta vida se esqueceu*

*Uma lágrima caída  
A rolar dos olhos seus  
Numa tarde de domingo  
O rapaz lhe disse adeus*

*Dominique, nique, nique  
Sempre triste a chorar  
O amor que se acabou  
O seu príncipe encantado  
Seu eterno namorado  
Que se foi e não voltou.*

No que diz respeito às crenças e subjetividades de Áida e Maria de Lourdes, o caderno da disciplina de Música/INSA vem demonstrar que, no campo disciplinar, a

catequização das alunas era um ato constante e rotinizado. As letras das músicas denotam devoção, respeito, obediência – e o que nos chamou muita atenção foi o fato de a letra da música 9 pregar a preparação da mulher para o casamento, para o encontro com seu “príncipe encantado” que a conduzirá ao altar. Percebemos que o currículo não é neutro, e no que diz respeito especificamente ao INSA, no período de 1951 a 1958 em Salinas-MG, podemos notar que a mulher deveria se preparar para se casar, ser mãe, cuidar dos filhos, ser a base da família. Ou seja, os documentos expressam significados de uma sociedade patriarcal e que, naquele momento, essas questões não eram postas em questionamento.

Além do mais, porque fazia parte da cultura daquele povo, a sociedade apoiava e estava de acordo com o que era ensinado. Daí, fica o questionamento: *a que objetivos a disciplina de música, o currículo do INSA estava servindo?* As memórias trazem indícios de que a sociedade naquele período era imersa de uma representação machista, e unir os anseios sociais com o peso da igreja católica naquele contexto foi uma agregação perfeita para a manutenção da família tradicional.

Tal fato contradiz o que aparece na fala de Maria de Lourdes, quando ela afirma: “Elas [as freiras] incentivavam a gente estudar mais. No tempo da minha mãe é que havia essa preparação da mulher para o lar, né! Mas no meu tempo não”. Contudo, percebemos que preparar a mulher para o casamento e para o lar estava explícito no currículo do instituto, porém, isso não era percebido por Maria de Lourdes. Neste sentido, Portelli (1996) considera que as representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados sobre o contexto social e educacional em Salinas-MG no período de 1951 a 1958 pelo Instituto Nossa Senhora Aparecida (INSA) trouxeram discussões sobre a educação escolar que foi marcante na formação das meninas. Isso nos permitiu compreender o contexto de criação e desenvolvimento dessa escola, já que os meninos ficaram à margem do conhecimento ginasial até o ano de 1956.

Diante da conjuntura daquele período, não há como negar que, apesar de inicialmente restrito ao sexo feminino, a criação e implantação do INSA foi de grande relevância. Tratava-se de uma necessidade educacional para a sociedade num momento específico, que conseqüentemente, com a formação de professoras de primeiras letras, foi possível ampliar a oferta educacional naquela cidade e municípios circunvizinhos.

Salinas-MG na década de 1950 vivenciou uma carência na oferta educacional, o que tornou urgente buscar meios para suprir essa necessidade. O caminho encontrado pelos envolvidos e comunidade foi pertinente. No entanto, mesmo com a implantação do INSA,

as necessidades educacionais daquele município não foram atendidas a contento, já que a escola era privada, e quem pôde usufruir daquele cotidiano escolar foram os filhos da classe dominante, a elite de Salinas-MG.

Os dados apontados pela história oral e pelos documentos escritos (folheto com o histórico do Instituto Nossa Senhora Aparecida, convite de formatura, caderno da disciplina de música e registros institucionais) revelaram que a fundação da escola partiu de uma iniciativa de representantes políticos junto com a igreja católica com apoio da elite social. Assim, a gestão da escola e das salas de aulas se deu inicialmente por três irmãs clarissas da Ordem Franciscana trazidas da capital mineira para este fim. Dessa forma, as memórias das egressas do INSA, bem como das fontes documentais, evidenciaram que o ensino foi marcado por crenças religiosas, na preparação das jovens moças para o casamento, desempenho de função de “dona do lar” zelosa para com o esposo e os filhos.

Por outro lado, vale ressaltar outra vertente, pois a escola trabalhou também na preparação dessas jovens para ingresso no mercado de trabalho, para a profissão docente, de modo que as mulheres pudessem transcender do âmbito doméstico para a busca de realização e ocupação pessoal, social e econômica. Contudo, Freitas (1995) e Catani (1997) argumentam que a profissão de professora se propagou no campo feminino não pelo salário, e sim pela mulher ser vista como cuidadora, com atributos de feminilidade, zelo, dedicação e fragilidade. Era visto na postura da mulher um vínculo estreito entre lar, educação, instrução e escola, uma vocação natural a qual poderia ser exibida com orgulho pelos esposos diante da sociedade.

Nessa óptica, muitas daquelas que tiveram essa oportunidade de ensino se profissionalizaram e buscaram exercer a profissão; diante disso, o INSA cumpriu com mais uma necessidade da cidade naquele momento: atender à carência e escassez de pessoas habilitadas para o ensino primário.

É explícito que, apesar do ensino elitista, para uma minoria, com suas marcas confessionais e com uma memória enquadrada na religião católica, a criação do INSA foi um marco inicial efetivado pela iniciativa da igreja católica. Isso proporcionou o desenvolvimento social e educacional para meninas em Salinas-MG e municípios circunvizinhos a julgar pela preparação de cidadãs por meio de uma educação formal e, especificamente, na profissionalização de professoras, o que foi uma demarcação inicial para ampliação posterior de escolas públicas que pudessem atender a um maior número da população.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PINSK, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CATANI, D. *et al.* História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In. CATANI, D. *et al.* (Org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

FAVERO, O. Lições da História: Os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In: OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, J. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 48-57.

FREITAS, M. T. de A. (Org.) **Memória de Professoras: História e Historias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSA. **História do Instituto Nossa Senhora Aparecida**. Salinas: INSA, 1976.

LISBOA, A. **Otacilfada: uma odisséia do norte de Minas**. Belo Horizonte: Canaã, 1992.

MAIA, B. S. R.; MELO, V. D. S. A colonialidade do poder e suas subjetividades. In: FRAGA, P. CAMPOS, M. S. Drogas: novas abordagens e novos desafios acadêmicos e sociais. **Teoria e Cultura: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF**. v. 15 n.2 Julho - Setembro 2020, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2020.

MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, dez./1993, p. 7-28.

PONTES, H. Modas e Modos: uma leitura enviesada de o espírito das roupas. In: MELO, H. P.; PISCITELLI, A.; WEIDNER, S.; MALUF, V. L. P. (Orgs.). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997a.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAVIANI, D. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

## **FONTE ORAL**

COSTA, Maria de Lourdes, egressa do INSA, entrevistada em 22 de agosto de 2019, na cidade de Salinas-MG.

VIANA, Áida, egressa do INSA, entrevistada em 13 de dezembro de 2019, na cidade de Vitória da Conquista-BA;

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Água 81, 176, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Atendimento educacional especializado 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133

Atividades escolares 37, 58, 59, 62, 130, 148, 158

Aulas remotas 15, 40, 123, 125, 129, 130, 132

Avaliação 13, 17, 18, 19, 33, 49, 51, 52, 56, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 184, 188, 195, 197

### B

Brasil 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 22, 23, 24, 28, 30, 31, 33, 35, 42, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 66, 68, 69, 71, 75, 78, 80, 82, 84, 86, 89, 90, 109, 113, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 132, 133, 154, 164, 165, 167, 169, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 195, 196, 197, 204

### C

Contexto social e educacional 148, 162

Cotas raciais e sociais 190

### D

Diversidade cultural 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 84, 85

### E

Educação 1, 2, 4, 10, 11, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 148, 149, 153, 155, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 174, 180, 182, 185, 188, 190, 191, 195, 196, 197, 203, 204, 205

Educação profissional 148

Educação em prisões 87, 90, 96, 105, 106

Educação física 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 85, 86

Educação inclusiva 43, 49, 50, 52, 53, 54, 87, 132

Educação infantil 21, 32, 41, 49, 60, 63, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

Educação policial militar 1

Ensino 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 41,

42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 96, 100, 103, 106, 107, 108, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 149, 150, 153, 155, 163, 181, 182, 185, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 205

Ensino de Geografia 68, 74, 84

Ensino híbrido 22, 58, 64, 65, 66

Ensino remoto 12, 14, 15, 19, 25, 26, 58, 59, 63, 64, 67, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino superior 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 50, 108, 193, 195, 197, 203, 205

Estudante surdo 123, 130

## **F**

Família 6, 7, 15, 32, 53, 57, 59, 64, 91, 99, 100, 104, 108, 151, 152, 155, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 183, 187

Formação 3, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 18, 19, 23, 25, 26, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 48, 50, 52, 55, 60, 62, 72, 75, 76, 79, 81, 83, 84, 96, 99, 113, 115, 117, 121, 122, 126, 129, 154, 155, 156, 158, 159, 162, 164, 181, 190, 203, 205

Frenteira 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

## **H**

Hibridismo 165, 166, 167, 168, 169, 177

História oral 148, 149, 163

## **I**

Inclusão 16, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 63, 75, 85, 89, 90, 103, 109, 126, 127, 128, 132, 190, 193, 196, 197, 201

Intervenção 36, 37, 39, 43, 46, 51, 54, 83

## **L**

Linguagens 28, 85, 110, 111, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 165, 168, 171, 176, 178, 179

Literatura infantil 165, 166, 167, 168, 169, 174, 175, 176, 179, 180

Livro ilustrado 165, 168, 169, 170, 180

## **M**

Memória 51, 64, 88, 105, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 159, 163, 164, 176, 177

Metodologias ativas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 65, 105, 181, 182, 183, 185, 188

## **O**

Objetivos sustentáveis 183, 185, 186, 188

## **P**

Pandemia 12, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 49, 54, 55, 58, 59, 61, 64, 65, 66, 94, 104, 109, 120, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Paraná 1, 11, 54

Políticas públicas 19, 21, 28, 30, 37, 61, 67, 78, 106, 108, 118, 190, 193, 195, 196, 197, 203

Práticas pedagógicas 12, 36, 37, 38, 51, 65, 73, 81, 82, 83, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 133

Professor 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 23, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 46, 47, 48, 52, 59, 61, 65, 66, 68, 70, 73, 76, 77, 82, 84, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 131, 133, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 205

Projeto 13, 14, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 46, 48, 61, 95, 108, 109, 119, 127, 150, 164, 170, 193

## **R**

Realidade prisional 87

Recomendações 43, 45, 49, 53

Representações 117, 150, 162, 165, 168, 174, 175, 179, 180

## **S**

Saneamento 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Socialização 7, 14, 24, 25, 32, 44, 52, 58, 87, 120, 157

Sucesso acadêmico 190

## **T**

Tecnologias de informação e comunicação 13, 36, 37, 38, 39

Tecnologias assistivas 43

## **V**

Violências 1, 3, 5

## **W**

WhatsApp 40, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 130

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Atena  
Editora  
Ano 2022



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



**Atena**  
Editora  
Ano 2022